

Filosofia e literatura: diálogo motivado a partir de Platão e Tchekhov*

Philosophy and literature: dialogue motivated from Platão and Tchekhov

FLÁVIA BROCCETTO RAMOS**

ATHANY GUTIERRES***

MORGANA KICH****



RESUMO – Este artigo tem por objetivo apresentar aproximações entre a filosofia e a literatura e discutir a relevância de seus textos na prática docente. Essas duas áreas do conhecimento, através da sabedoria e de processos civilizatórios que envolvem seus escritos, dialogam de diferentes maneiras, contribuindo para a formação do sujeito. O estudo, vinculado à linha de pesquisa Educação, Linguagens e Tecnologia, do PPGEd/UCS, sustenta-se a partir dos pressupostos da obra de Platão e de uma breve análise de um conto do escritor russo Anton P. Tchekhov (1999), representante da literatura clássica. Tais disciplinas constituem instrumentos valiosos para uma educação comprometida com a humanização dos indivíduos.

Palavras-chave – educação; literatura; filosofia; leitura

ABSTRACT – This article aims at presenting approximations between philosophy and literature and discussing their importance to education. These two areas of knowledge, through the wisdom and civilization processes that surround their writing, dialogue in different ways, contributing to the formation process of the human being. This study, which is bound to the research line of Education, Languages and Technology, from PPGEd/UCS, is supported by the assumptions of Plato and a brief analysis of a short story by the Russian writer Anton P. Tchekhov (1999), representing the classic literature. Both disciplines constitute valuable tools for an education committed with the humanization of the individuals.

Keywords – education; literature; philosophy; reading

É muito desejável, no ensino, não apenas persuadir o estudante da exatidão dos teoremas importantes, mas persuadi-lo do modo que, dentre todos, tenha maior beleza. O verdadeiro interesse de uma demonstração não se concentra totalmente no resultado como sugerem os modos tradicionais de exposição; onde isso ocorrer, deve ser considerado defeito a ser remediado, se possível, generalizando de tal modo os passos da prova que cada um adquira importância própria. Um argumento que só serve para provar uma conclusão é como uma estória subordinada à moral que pretende ensinar: para a perfeição estética, nenhuma parte do todo deve ser apenas um meio.

(Bertrand Russell)

INTRODUÇÃO

Platão (1996, p. 178-181), no diálogo *Fedro*, narra, através de Sócrates, uma lenda egípcia. É a história do deus Thot, divindade do Egito, que diziam ser o primeiro

a descobrir a ciência do número e do cálculo, a geometria e a astronomia, o jogo das damas e dos dados, além da invenção da escrita. Certo dia, o deus Thot foi até o palácio do rei egípcio Tamuz mostrar seus inventos e dizer que precisava distribuí-los aos outros habitantes

* Esta pesquisa foi apoiada pelo Edital MCT/CNPq/MEC/CAPES nº 02/2010 – Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas.

** Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (RS, Brasil) e Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade de Caxias do Sul (RS, Brasil). *E-mail*: <ramos.fb@gmail.com>.

*** Mestre em Educação pela Universidade de Caxias do Sul (RS, Brasil) e Professora do Programa de Línguas Estrangeiras da Universidade de Caxias do Sul. *E-mail*: <tanyl2@yahoo.com.br>.

**** Mestranda em Educação pela Universidade de Caxias do Sul (RS, Brasil) e Professora da Rede Municipal e Privada de Ensino de Caxias do Sul. *E-mail*: <amorganinha@hotmail.com>.

Artigo recebido em janeiro e aprovado em junho 2011.

do Egito. No entanto, ao apresentar a escrita, Tamuz contestou-o, destacando que tal descoberta tornaria os homens esquecidos, pois deixariam de cultivar a memória. Acreditava que, ao confiar apenas nos registros, só se lembrariam de um assunto exteriormente, por meio de sinais, e não em si mesmos.

Nesse diálogo, Sócrates considera a escrita como algo que limita o pensamento. Quem julgasse transmitir pela escrita uma arte, dizia ele, e quem, por sua vez, a recebesse, como se de tais letras pudessem receber algo de certo e de seguro, mostraria muita ingenuidade. Além disso, afirma que um discurso escrito será sempre o mesmo, repetido inúmeras vezes sem que se possa agregar-lhe novas ideias.

No entanto, os textos lidos podem ser contestados através de outros textos. No campo científico, podem gerar uma nova teoria; no literário, permitem múltiplas interpretações, dependendo do ponto de vista do leitor; e no filosófico, levantam discussões sobre questões que perduram há séculos. Frente ao exposto, este artigo apresenta possíveis aproximações entre os campos da filosofia e da literatura, elucidando uma harmonização entre seus discursos, tendo como princípio o fato de as duas áreas fomentarem aprendizagens.

Apresentam-se pontos acerca da universalidade e dos ensinamentos dessas modalidades discursivas. Primeiramente, são traçadas algumas considerações acerca da filosofia e da literatura. Em seguida, são apresentados contrapontos das duas disciplinas, trazendo à tona o perfil clássico de seus escritos; e, por fim, o estudo dirige-se a alguns pressupostos de Platão e de que forma eles podem ser vistos pelos estudos literários, reiterando a relevância da abordagem educacional do clássico para a formação não somente intelectual, mas primordialmente humana do leitor/estudante.

POR QUE FILOSOFIA E LITERATURA (NA EDUCAÇÃO)?

A filosofia e a literatura dialogam de diferentes formas, já que ambas abordam temas universais e oferecem oportunidades de reflexão para que o ser humano supere o senso comum e desenvolva uma consciência crítica e estética, que dê suporte a sua ação. Alguns autores já se debruçaram sobre o assunto (GAGNEBIN, 1995; DUARTE, 1995; MACHADO, 1999; PAVIANI, 2004), apontando elos entre os saberes filosóficos e literários.

EDUCAR PELA FILOSOFIA

O homem é um sujeito incompleto, um ser de passagem. Através de suas ações e das mudanças provocadas pelo tempo e pelos povos, vai modificando a si mesmo e ao

seu entorno. Essa busca pela chamada “perfeição”, em todas as esferas da vida, faz com que o indivíduo assuma uma condição de abertura, buscando possibilidades de aprimoramento em vários aspectos que o circundam. A esse processo, inserido numa perspectiva de estudos literário-filosóficos, chamamos de humanização, ou seja, a busca do ser humano, como um sujeito biológico, social e político, pela felicidade em tudo o que faz. Essa proposta filosófica, baseada na educação do homem, voltada ao seu processo de humanização, é uma das preocupações centrais de Platão, que pensava em formar o homem para atuar numa sociedade ideal (TEIXEIRA, 1999, p. 24-25).

Assim, a filosofia, através da educação, tem o papel de proporcionar aos sujeitos meios de autorreconstrução. Ela atua como um corpo de saberes que ajuda o ser humano a compreender-se, a entender o mundo e a atribuir sentidos à realidade. Nessa perspectiva, é necessário um professor competente para oportunizar aos estudantes reflexões acerca do campo dos saberes filosóficos, assim como todos os demais processos de conhecimento. Aliás, a partir dos pressupostos da filosofia se inicia uma cultura do pensar, aqui entendida como uma prática dissociada de aprendizagens mecânicas e estanques, necessitando estar presente em todas as disciplinas escolares e oportunizando aos estudantes o desenvolvimento do raciocínio lógico, crítico e criativo na solução de problemas.

Paviani (2005, p. 11) afirma que “o processo educativo é uma totalidade”: desde que nascemos, estamos sendo educados através de ideias e comportamentos que ultrapassam nossa consciência das coisas. E a escola não foge desse processo que, não somente exerce influência, mas também a recebe da educação informal, transmitida por grupos sociais, meios de comunicação, organizações sindicais, entre outras instituições. Assim, vida e educação estão entrelaçadas, implicando diferentes maneiras de ver e de ser no mundo. Dessa forma, o ato de filosofar estaria presente na escola, proporcionando ao aluno momentos de reflexão sobre sua vida, pensamentos que o conduzam constantemente a uma atitude crítico-reflexiva sobre suas ações e, a partir daí, contribuam para seu processo de humanização.

EDUCAR PELA LITERATURA

Na seção anterior, destacamos o potencial humanizador da filosofia, já que ela proporciona o questionamento e a reflexão constante dos indivíduos e de suas ações. Nesse convite à dúvida e ao pensamento epistemológico, que busca superar o conhecimento comum e questionar a realidade, reside um dos aspectos primordiais de concatenação entre os estudos de filosofia e de literatura. Assim como a filosofia, a literatura também pode atuar na formação do sujeito. Candido explica que essa modalidade

linguística tem relevante função educacional à medida que humaniza. Ele afirma que

para nós, professores, a Literatura é algo que não pode ser apenas fruído, a Literatura é um instrumento de educação e cultura, usamos a literatura para formar os nossos estudantes, ela é um extraordinário fator de humanização. [...] é preciso não esquecer que a grande função social da Literatura é o grande efeito humanizador que ela exerce, tanto pela forma quanto pela mensagem. (CANDIDO, 1997, p. 38)

De acordo com a posição do autor, a literatura humaniza. Ela corresponde a uma necessidade universal que satisfaz a constituição dos indivíduos, já que dá forma aos sentimentos e à visão de mundo, organiza e liberta os seres humanos do caos, e, portanto, civiliza-os. Para Candido (1995, p. 244), talvez não haja equilíbrio social sem a literatura, pois a palavra artística confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de viver dialeticamente problemas e, vista dessa forma, aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Em síntese, a Literatura é fator indispensável à humanização.

Assim como a obra literária, o ser humano é um construto sociohistórico. A literatura se constitui organicamente na civilização, à medida que os elementos nela presentes, de natureza psíquica e social, se manifestam historicamente através do texto ficcional. É pelo diálogo estabelecido entre leitor e texto que emerge algum tipo de comunicação, principalmente quando o leitor se identifica com suas verdades e, a partir delas, lê e reconstrói seu entorno. Desta forma, a literatura proporciona uma espécie de atualização de tradições e de saberes, já que tanto escritores quanto escritos se mantêm universais apesar da passagem do tempo. Tais conhecimentos supõem modos de pensamento e de comportamento, aos quais os sujeitos podem aceitar ou rejeitar, e através da interação do leitor com a obra/autor se dá o processo de civilização através do texto literário (CANDIDO, 1997, p. 23).

Tanto a literatura quanto a filosofia oportunizam aos leitores discussão acerca de ações que inerentes a vida. Tal postura não assume verdades, pelo contrário, questiona a realidade e busca respostas a diferentes perguntas. Textos clássicos, por exemplo, são um referencial que poderiam contribuir para a construção de um sujeito mais questionador, mais civilizado e, conseqüentemente, mais humano.

OS CLÁSSICOS NA EDUCAÇÃO: ALIANÇA ENTRE FILOSOFIA E LITERATURA

O que define um texto como clássico? Há de se distinguir uma conceituação mais generalista e outra de

cunho mais pessoal. A primeira engloba aqueles textos que, independentemente da época na qual foram escritos ou publicados, sempre têm algo a dizer a seus leitores e, portanto, assumem um caráter universal; já a segunda, além de abranger os princípios da concepção anterior, abrange aquelas leituras que exercem algum tipo de influência particular, à medida que se tornam inesquecíveis para quem as lê. Segundo Ítalo Calvino (1993, p. 15), clássico é “aquilo que persiste com rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível”.

A riqueza da leitura de textos clássicos da literatura e da filosofia reside na qualidade de experiências que ela proporciona. Tais experiências são essenciais para o ser humano, tendo em vista sua necessidade de mudança e adaptação ao meio e à sociedade. Enquanto a filosofia traz à tona problemáticas existenciais do ser humano, a literatura apresenta essas problemáticas simbolicamente através da ficção. As duas áreas são complementares à medida que representam a vida de quem as lê e atuam no pensamento e na constituição dos sujeitos.

Há uma necessidade vigente da educação para o pensar – nós, professores, buscamos criar alternativas pedagógicas que estimulem a habilidade de pensar e de resolver problemas, capacidade que pode ser incrementada pelo estudo da literatura e da filosofia: a primeira, pelas múltiplas experiências proporcionadas pelos personagens do texto ficcional e das vivências do leitor, considerando suas interpretações pessoais e sua individualidade como ser; e a segunda, pelo rigor de pensamento que impõe a busca de “verdades” provisórias da ciência. Sob este ponto de vista, a filosofia e a literatura desempenham papéis fundamentais na formação para o raciocínio, cooperando para a busca de soluções para problemas da humanidade e capacitando o homem a pensar e a agir de forma autônoma.

Tanto a filosofia quanto a literatura trabalham com aspectos formativos do indivíduo. Revelam elementos de natureza psíquica e social, que se manifestam historicamente no escrito, possibilitando a circulação de conhecimentos em determinadas épocas e espaços. Assim, essas modalidades textuais se colocam como instrumentos potencializadores do pensamento e do desenvolvimento do indivíduo, pois registram e discutem múltiplas experiências e saberes.

Contudo, há certa restrição à leitura de textos clássicos atualmente. A sociedade da informação busca soluções rápidas para questões do dia a dia, priorizando, por exemplo, a circulação da informação ou de mídias visuais como a televisão, de modo que o receptor se torna mais passivo. O lugar da leitura dos clássicos na atualidade é, portanto, limitado.

Observamos que problemas educacionais da atualidade já foram discutidos pelos filósofos. Platão, na conhecida

Alegoria da caverna (1997), apresenta a possibilidade de o homem conhecer as coisas na sua essência e do conceito de verdade e de realidade que tem a partir do que ele próprio vive. A questão educacional vem à tona nesta alegoria de modo a supor a intervenção de um educador na abertura de possibilidades de visão do aprendiz (o que chamamos hoje de processos de mediação). Segundo Teixeira (1999, p. 63), “a educação aqui consiste numa provocação e numa ocasião”. A provocação, para suscitar perguntas/questionamentos; e a ocasião, determinada pelo educador, para proporcionar situações que despertem a curiosidade e suscitem dúvidas ao aprendiz, a fim de que ele próprio organize seus pensamentos e construa novos conhecimentos.

A literatura, neste momento, representada pelo conto “A dama do cachorrinho”, de Anton P. Tchekhov (1999), também nos convida a refletir sobre alguns elementos da sociedade russa do século XIX. Seus contos romperam com um padrão consagrado pela literatura ocidental: ao mesmo tempo em que eram aceitos, havia certa resistência, o que causou um pouco de afastamento desses padrões, marcando o início da literatura moderna na Rússia (SCHNAIDERMAN, 1999, p. 334). Os desfechos abertos, focados não apenas no enredo que envolve a história, mas, sobretudo na psicologia das personagens que movem suas ações, sugere um afastamento do leitor do determinismo da época. Tchekhov aproxima seus contos da vida – o corriqueiro é retratado de maneira elegante e nos faz pensar numa infinidade de caminhos a partir de seus desfechos. Tais enredos sempre têm algo a nos dizer, já que tratam de vivências do ser humano e ultrapassam o tempo e o espaço de produção.

A obra do escritor russo *A dama e o cachorrinho e outros contos* (1999) foi selecionada para compor o acervo do Ensino Médio do Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE/2009. Trata-se de um texto clássico que agora está disponível em várias escolas públicas brasileiras. Para este artigo, discutem-se apenas alguns aspectos do conto “A dama do cachorrinho”, que dá nome à obra. Nessa narrativa, o leitor depara-se, em princípio, com uma história de traição como muitas outras. Entretanto, refletir sobre o que é peculiar no texto, ainda presente no nosso imaginário, é uma questão intrigante. A história de cunho realista envolve aspectos da vida dos personagens Dmítri Guróv e Anna Serguêievna. Ele é um homem próximo dos 40 anos, bancário, formado em filologia, casado desde a mocidade, pai de três adolescentes, sedutor e adúltero, afirma odiar as mulheres como uma estratégia para disfarçar seu encantamento por elas. Em síntese, pode ser definido como alguém entediado com sua existência. Anna também se sente solitária e aborrecida, mas ainda é jovem. Loira, baixa, de classe média e religião ortodoxa por causa do esposo, Anna tem um forte senso moral,

apesar de não concordar com alguns valores da sociedade. De fato, ela está em busca da felicidade como algo externo a si desde o casamento, realizado ainda na juventude, na esperança de ser mais feliz, de “encontrar algo melhor” (TCHEKHOV, 1999, p. 320).

Quando Dmítri passeava na rua, próximo à praia, conheceu Anna, que estava descansando longe de seu lar. Ele gosta dessa senhora e apodera-se dele “a ideia tentadora de uma ligação fulminante, de um romance com uma mulher desconhecida” (TCHEKHOV, 1999, p. 316). O pretexto para iniciar a conversa entre ambos é um cachorrinho que está com Anna. Logo surge a complicação: ambos começam a se relacionar intimamente, mas ela se sente culpada e embaraçada, enquanto o sedutor, por sua vez, fica encantado com o jeito de “mulher correta, ingênua, que vivera pouco” expresso pela amante (TCHEKHOV, 1999, p. 319). A situação se altera, porque Anna decide voltar para casa. No entanto, eles não conseguem parar de pensar um no outro, e ele vai até a cidade de Anna, planejando encontrá-la num espetáculo. No anfiteatro, encontra-a e a beija em público, ignorando possíveis consequências. Para que tudo isso ocorra, embora o narrador não alerte, Dmítri põe em ação suas estratégias sedutoras. O desfecho do conto revela a estratégia para manter os encontros ocasionais e, ao mesmo tempo, preservar suas uniões antigas: a cada dois ou três meses, Anna dizia ao seu marido que ia ao médico em outra cidade como pretexto para se encontrar com Dmítri. Contudo, a solução não traz estabilidade às personagens, uma vez que a tensão emocional continua.

O sentimento de tédio em relação ao casamento (ou talvez à existência) marca as duas personagens, que buscam uma relação extraconjugal. O conto aproxima duas personagens distintas: um sedutor convicto e uma mulher melancólica. O conflito parece ser um enigma: Anna está apaixonada, mas quanto a Gurov não se tem entendimento sobre seus sentimentos. O narrador mostra o conflito com distanciamento, de modo que, embora não nos falte informação, falta-nos capacidade de discernir e de julgar sobre o verdadeiro estado dos personagens.

O leitor não sabe se pode confiar em Gurov quando diz estar apaixonado. Já Anna, desde o início da narrativa, mostra-se entediada, e ao aproximar-se do amante parece melancólica, ao contrário do parceiro, que se apresenta feliz e exultante. Bloom afirma que o conto “é de um universalismo estranho e lacônico” (2001, p. 37) e que o leitor pode simpatizar ou não com alguns personagens. Em “A dama do cachorrinho”, o leitor pode se irritar com Gurov e desejar que Anna pare de chorar, mas ao mesmo tempo não pode evitar o sofrimento, pois também é assim a história de nossa vida.

Enfim, por trás de um enredo aparentemente conhecido, o conto propõe várias questões. Entre elas, destacamos a

dicotomia entre essência e aparência, explicitada a partir de reflexões presentes na narrativa como:

tudo é belo neste mundo, tudo, com exceção do que nós mesmos pensamos e fazemos, quando nos esquecemos dos objetivos elevados da existência e de nossa própria dignidade humana (TCHEKHOV, 1999, p. 321).

As ocupações desnecessárias e as conversas invariáveis ocupavam a melhor parte do tempo, as melhores energias e, por fim, sobrava apenas uma vida absurda, sem asas, uma mixórdia qualquer, da qual não se podia fugir, como se estivesse num manicômio ou numa prisão! (TCHEKHOV, 1999, p. 326).

O arriscar-se como uma alternativa para testar sua existência pode ser depreendido da necessidade de manter-se vivo. Ou ainda o amor como busca de sentido, como forma de se encontrar e de se completar no outro, pois o caráter fragmentário do conto e a ausência de um desfecho explícito colocam o leitor numa posição de co-autor. Ao ler, reconstrói a ação dos dois amantes a partir de suas expectativas, colocando-se implicitamente no conflito.

Entretanto, para que as peculiaridades dos textos literários possam ser significadas e, assim, somar experiências e crescimento humano aos leitores, cabe ao professor disponibilizar ferramentas necessárias e planejar uma ação mediada entre leitores e materiais. Perissé (2009, p. 37) afirma que a arte educa à medida que, atraindo a visão, encantando a audição e agindo sobre a imaginação, dialoga com a consciência e que, mais do que fazer reagir à melodia, à rima, à composição pictórica, às cenas do filme, cria um espaço de liberdade, de beleza, no qual o leitor é convidado a agir criativamente. Para o autor (idem), a arte educa, como desencadeadora de autoconhecimento e de amadurecimento pessoal. Entendemos, como Perissé (2009, p. 34), que os livros não são objetos fechados em si mesmos. A literatura questiona o leitor acerca de suas as concepções, abre portas e janelas, desencadeia a memória, cutuca a imaginação, provoca abalos em certezas, propõe valores, questiona outros, oferece, enfim, a possibilidade de repensarmos no sentido da vida. Argumenta que autores como:

Guimarães Rosa (1908-1967), Dante Alighieri (1265-1321), Samuel Beckett (1906-1989), Thomas Mann (1875-1955), Franz Kafka (1883-1924) e tantos outros nos ensinam, ao seu modo, ao modo poético, teatral, dramático, enfático, ao modo ficcional, o que antropólogos, sociólogos e filósofos também procuram nos dizer empregando a terminologia filosófica, sociológica, antropológica... (PERISSÉ, 2009, p. 35).

O texto filosófico também é provocador. Gagnebin (2003, p. 16) pontua que a análise em filosofia não se

limita à linguagem empregada, mas implica um exame histórico dessas formas. Trata ainda de outros dois pontos convergentes entre os estudos literários e filosóficos: a variedade das formas literárias dos textos filosóficos, indicativa de uma divisão da filosofia em filosofia para o ensino e filosofia para autorreflexão; e a variedade das formas textuais, tanto da filosofia quanto da literatura, permitindo diferentes formas de abordagem das disciplinas.

PLATÃO E A LITERATURA

Na concepção que adotamos nesse estudo, os autores clássicos da literatura e da filosofia sempre têm algo a nos ensinar sobre a natureza humana. Retomando o objetivo, pensamos modos de apropriação dos saberes apontados por esses autores em favor da educação. Paviani (2008, p. 27) apresenta Platão como um clássico. Argumenta que os diálogos platônicos conservam certa oralidade e afirma que “a leitura de Platão é ao mesmo tempo fácil e difícil. Podemos lê-lo como se lê um texto literário, por prazer e curiosidade. Também podemos lê-lo com espírito crítico e interpretativo” (2008, p. 27).

Os diálogos de Platão convidam o leitor a entrar nas entrelinhas, assim como fazemos com os textos literários; ou seja, os diálogos têm aberturas que acolhem a subjetividade do leitor. A grande lição desses textos está em permanecer inconclusos, é mais importante esclarecer os diversos aspectos ou elementos de um problema do que resolvê-lo (PAVIANI, 2008, p. 30). Encontra-se abertura tanto no texto filosófico de Platão como no literário de Tchekhov. Essa particularidade sugere caminhos ao leitor, convidando-o a escolher o que achar mais conveniente, mais significativo para si próprio.

O pensamento platônico valoriza o filosofar. Considerando-o forma e método, implicando desenvolver argumentos, conduzir processos dialéticos do conhecimento e, ainda, tomar decisões, definir condutas, estabelecer modos de viver, assumir visões do mundo (PAVIANI, 2008, p. 24). A importância do filosofar promove o desenvolvimento de habilidades e não apenas o acesso a informações pontuais.

Para melhor entender de que forma as contribuições de Platão podem ser úteis aos estudos literários, faz-se necessário traçar um breve quadro da situação da escola enquanto promotora da leitura nos dias atuais. O entendimento da literatura na escola brasileira (aqui restrita ao Ensino Médio, já que é onde essa disciplina se “formaliza”), se reduz ao estudo sistemático e linear de escolas e teorias literárias. Esse enfoque preconiza um contato superficial com o texto literário, não favorecendo a interação entre as partes (texto e leitores) e a produção múltipla de sentidos que o texto artístico suscita, afastando

leitores dos livros e desfavorecendo a própria formação enquanto humanos.

A falta de prazer pela leitura da literatura, principalmente a clássica, tem várias procedências. Além da metodologia que prioriza o estudo histórico da literatura, a faixa etária do público leitor, suas expectativas e seu grau de maturidade intelectual disputam espaço com a leitura das obras clássicas, geralmente impostas pelo professor (CALVINO, 1993, p. 10-12). Diante de tal contexto, vê-se que a primeira e mais urgente mudança a ser feita está na substituição do estudo *sobre* a leitura em detrimento ao estudo *da* leitura, isto é, ler ao invés de estudar sobre o ler. Platão dizia o mesmo a respeito da filosofia, defendendo a valorização do filosofar ao invés do estudo escolar da filosofia (PAVIANI, 2008, p. 23). Segundo o autor, a ação direta do ler, do filosofar é mais útil e prazerosa porque nos ajuda a desenvolver argumentos, conduzir processos de conhecimento e tomar condutas condizentes às situações postas.

Na tentativa de aproximar jovens e literatura, muitas vezes, os professores apresentam textos adaptados, recortes de clássicos ou até mesmo resumos das obras que deveriam ser lidas. Tal postura mostra-se inadequada e contradiz o que tem sido posto neste estudo a respeito da leitura, tanto filosófica quanto literária, voltada para a formação humana. Não basta ler sobre, é necessário acessar a obra original para que o leitor se torne sujeito da significação do texto.

Uma das riquezas desses campos está na sua capacidade de proporcionar experiências diversas ao leitor e abrir caminhos para desenvolver processos de pensamento que, futuramente, os conduza a ações fundamentadas em situações que venha a enfrentar. Tanto a literatura quanto a filosofia retratam problemáticas do contexto social e histórico das sociedades de época em que os textos foram escritos (SCHNAIDERMAN, 1999; PAVIANI, 2008). Uma das peculiaridades desses textos refere-se aos desfechos, os quais apresentam, em geral, finais abertos (diálogos de Platão e contos de Tchekhov) que contribuem, principalmente, para que o indivíduo reflita tanto sobre as ações dos personagens como sobre as suas. Esses preceitos vêm ao encontro da máxima “conhece-te a ti mesmo” – a importância dos clássicos na formação de personalidade e nos processos de autoconhecimento.

Nos diálogos de Platão, Sócrates, um de seus personagens, desempenha o papel de “interrogante” (PAVIANI, 2008, p. 32). Essa atitude pode ser comparada à de um professor, já que é ele quem deveria ser o provocador de perguntas ao invés de dar respostas. Sócrates, além de não encerrar os diálogos, inicia suas intervenções analisando as ideias dos outros e não defendendo as suas (PAVIANI, 2008, p. 33). Os textos literários e os filosóficos, quando mediados pelo professor,

podem seguir uma mesma linha: provocar desconfortos, proporcionar reflexões, sugerir caminhos e, sobretudo, deixar liberdade de escolha ao leitor. A incompletude é uma característica presente nesses textos, no trabalho com a arte e também na existência humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Permitir, no âmbito escolar, uma aproximação entre filosofia e literatura enriquece o trabalho a ser desenvolvido em sala de aula. Proporcionar ao aluno a leitura de um clássico, possibilitando-lhe questionamentos que agregam conhecimento para sua vida, é uma forma de colaborar para seu crescimento pessoal e intelectual.

Abrir um diálogo interdisciplinar entre a literatura e a filosofia, que já possui um longo caminho histórico, fomentando uma espécie de interação entre essas duas áreas do saber, é uma maneira de usar a filosofia em sua expressão artística; deve haver, porém, sinergia dos dois lados: a leitura de textos literários torna-se enriquecedora se considerarmos os propósitos filosóficos, do mesmo modo que a leitura dos textos filosóficos torna-se rica se levarmos em conta a beleza estética dos mesmos.

Além disso, a filosofia tem uma universalidade que as ciências empíricas não possuem, permite fazer reflexões sobre âmbitos diferentes. No entanto, os caminhos filosóficos e literários têm se entrecruzado de forma breve e precária diante da riqueza que caracterizaria uma interação consistente, e uma confluência entre literatura e filosofia poderia ser pensada e talvez, repensada, a fim de atrair os alunos para as aulas de literatura.

O contato com textos literários proporciona várias experiências para o ser humano conviver na sociedade e até mesmo desperta características que fazem diferença acerca do modo de ser e de viver, favorecendo o desejo de praticar ações benéficas ao meio em que vive e a si próprio, além de permitir que o leitor relacione o texto com sua realidade.

A filosofia educa a razão. Move pensamentos, desperta o senso investigativo, promove o diálogo, desperta o desejo de querer saber mais. Seu uso na prática docente, que não se limita a uma única disciplina, é também a chave do raciocínio, formando pessoas mais questionadoras, capazes de refletir sobre seus próprios pensamentos. Uma educação pensada desse modo auxilia o aluno a formar muitos e variados conceitos, que podem ajudá-lo a descobrir-se como pessoa.

Propiciar a interação entre a filosofia e a literatura abre espaço à investigação, à busca de um ser reflexivo e apreciador da arte. Mas para que isso se torne possível, é preciso saber ler crítica e esteticamente, ou seja, construir a essência do texto, mesmo que oculta. A discussão realizada aponta, pois, que a existência do texto escrito

não engessa o pensamento. Pelo contrário, ao lhe dar materialidade e durabilidade, em virtude do registro, abre-se para a multiplicidade de sentidos configurados pelo leitor. A invenção da escrita não foi, portanto, um mal para a humanidade.

REFERÊNCIAS

- BLOOM, H. **Como e por que ler**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- CALVINO, I. **Por que ler os clássicos?** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CANDIDO, A. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- _____. Entrevista. In: **Investigações: Lingüística e Teoria Literária**, Recife, v. 7, set. 1997, p. 7-39.
- DUARTE, R. Uma leitura hegeliana em *Grande sertão: veredas*. In: SOUZA, R. T. de; DUARTE, R. (Org.). **Filosofia e literatura**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- GAGNEBIN, J. M. As formas literárias da Filosofia. In: SOUZA, R. T. de; DUARTE, R. (Org.). **Filosofia e literatura**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.
- GAGNEBIN, J. M. **Atenção e dispersão**: elementos para uma discussão sobre arte contemporânea entre Benjamin e Adorno. Congresso Internacional – Teoria, Estética, (09/09/2003 a 12/09/2003), Belo Horizonte, MG, Brasil.
- MACHADO, R. **Foucault, a filosofia e a literatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- PAVIANI, J. **Problemas de filosofia da educação**. 7. ed. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2005.
- _____. Filosofia e Literatura: o poema de Parmênides sobre a natureza. In: CHAVES, F. L.; BATTISTI, E. (Org.). **Cultura regional: língua, história, literatura**. Caxias do Sul: EDUCS, 2004, v. 1, p. 131-138.
- _____. **Platão e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- PERISSÉ, G. **Estética e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- PLATÃO. Fedro. In: **Diálogos: Mênon. Banquete. Fedro**. Trad. Jorge Paleikat. 19. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- _____. A alegoria da caverna. In: **A república**. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 1997.
- SCHNAIDERMAN, B. Posfácio. In: TCHEKHOV, A. P. **A dama do cachorrinho e outros contos**. Trad. Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 1999.
- TCHEKHOV, A. P. **A dama do cachorrinho e outros contos**. Trad. Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 1999.
- TEIXEIRA, E. B. **A educação do homem segundo Platão**. São Paulo: Paulus, 1999.

NOTA

¹ O PNBE é um Programa do Governo Federal criado, em 1997, e responsável pela seleção, e distribuição de obras literárias para as bibliotecas de escolas públicas brasileiras. Sob a gestão do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), tem recursos financeiros originários do Orçamento Geral da União e da arrecadação do salário-educação.